

Esquizofrenia e Loucura. Andrew Croyden Smith. Trad. de Dōris Vasconcelos. Artes Mēdicas: Porto Alegre, 1985, 172 pāginas.

O livro de Smith traz um relato bastante amplo e competente sobre a insanidade ao longo do tempo e nos diferentes lugares. Segundo o autor, a obra é destinada ao leitor leigo e estudantes de ciências sociais, enfermagem e medicina.

A esquizofrenia é a principal forma de insanidade e provoca sērias perturbações ao paciente. À semelhança do que ocorre com o cāncer, a enfermidade tem despertado o interesse de teōricos excêntricos. Com efeito, os indícios tēm sido buscados na urina, impressões digitais, infecções ocultas por vīrus desconhecidos, deficiências vitamīnicas, mudanças no envelhecimento das cēlulas, secreções da glāndula pineal, alergias ā proteīna do trigo etc.

O autor explora bastante os relatos de casos, de forma a mostrar que a esquizofrenia é uma grave enfermidade, que incapacita o indivīduo de cuidar de si prōprio e que traz sērios transtornos ā sociedade. As sensações dos pacientes sāo anormais e os relatos verbais sāo, muitas vezes, ininteligíveis. O Sr. A.R. imaginava, por exemplo, que radiações do espaço ectavam danificando a sua masculinidade e a Sra. B.D., por sua vez, estava convencida de que uma agulha fora introduzida em seu olho, quando criança, e nāo mudava de idēia mesmo diante de uma radiografia mostrando o absurdo da idēia.

O discurso do esquizofrēnico é caōtico, parecendo uma "salada de palavras", com significado trocado. O Sr. T.1., ao deitar-se, adotava uma posiçāo estranha e desconfortável. Ao ser indagado, disse que era um "camarāo" e que haviam maquinações polīticas por parte

dos russos no fato dele ser um fantoche, "com um R nele, para Rússia". É preciso estar atento para perceber que as palavras para camarão e fantoche, em inglês, são **prawn** e **pawn**, respectivamente. A fantasia toma posse da mente do paciente e são comuns delírios de grandeza, como o do engenheiro que havia encontrado a "constante cosmológica", enigma que Einstein havia tentado solucionar, sem sucesso.

O diagnóstico da esquizofrenia é algo complicado. Nos Estados Unidos ela é mais prontamente diagnosticada do que no Reino Unido. Com efeito, alguns casos descritos como esquizofrênicos genuínos nos Estados Unidos são classificados como deprimidos ou personalidades "esquizóides". A diferença é muito grande e envolve tratamentos muito distintos. A questão se torna mais grave a partir das constatações do relatório de *Being sane in insane places*. Com efeito, voluntários normais apresentavam-se aos hospitais alegando "ouvir vozes" e eram, na maioria das vezes, internados como esquizofrênicos. Após a internação, os "pacientes" "voltavam ao normal" e registravam que "a equipe ignorava simples cumprimentos amigáveis, e interpretavam comportamento inócua como consistente com esquizofrenia. Uma história de vida normal era relatada entre a equipe como impregnada de psicopatologia, e o pseudopaciente que tomava notas era considerado... como 'ocupado em comportamento de escrita'" (p.116). Entre os médicos, esta experiência foi duramente criticada, vista como um ato desleal, repleta de mentiras e fraudes.

O autor mostra que a esquizofrenia é um quadro que se manifesta em todas as culturas, independentemente do modo de vida, regime político ou condições econômicas. Com efeito, entre os esquimós do Alaska, **nuthkavihak** é um estado que envolve "falar sozinho, gritando com alguém que não existe, acreditando que um filho ou marido foi assassinado por bruxaria..., fazendo caretas estranhas, bebendo urina, tornando-se enérgico e violento..." (p.53-54). Entre os yorubas, a palavra **were** se relaciona com insanidade e envolve rir sozinho quando não há motivo aparente, rasgar as próprias vestes, defecar em público e espalhar as fezes e atacar alguém com uma arma.

As explicações para a esquizofrenia foram, ao longo do tempo, uma coleção de absurdos. Em 1849, o Dr. John Conolly acreditava que "a idéia de que todos os objetos sejam impuros ou sujos parecia depender de alguma desordem das terminações periféricas dos nervos da superfície; a idéia de estar sendo eletrocutado ou envenenado surge

## ESQUIZOFRENIA E LOUCURA

de um gosto de cobre ligado a distúrbios digestivos..." (p.81). Atualmente existem idéias que tentam relacionar a esquizofrenia com distúrbios vitamínicos, sensibilidade à proteína do trigo, doença viral etc. Segundo o autor, tais idéias estão desacreditadas e somente a teoria dopaminérgica necessita de maior elaboração.

De acordo com a teoria dopaminérgica, os esquizofrênicos apresentariam um excesso de atividade no sistema nervoso central, nas vias que envolvem o neurotransmissor dopamina. Com efeito, a administração de anfetamina, que libera a dopamina no cérebro, tende a induzir graves perturbações mentais em pessoas normais e aumenta a enfermidade em pacientes esquizofrênicos. Por outro lado, o grau de efetividade das drogas empregadas no tratamento de esquizofrenia (dos grupos fenotiazinas, tioxantenos e butirofenomas) se correlaciona com a capacidade de bloquear os receptores de dopamina no cérebro.

A esquizofrenia se diferencia, segundo o autor, da personalidade esquizóide no grau de relacionamento que a pessoa mantém com o mundo exterior. Com frequência, o esquizóide expressa o seu "distanciamento do mundo" através da criação artística ou científica. O isolamento e a profusão de fantasias poderiam ser controlados pelo esquizóide, mas não pelo esquizofrênico. Neste sentido, Sir Isaac Newton e Albert Einstein, dois monumentos da ciência, são vistos como exemplos de como o "distanciamento esquizóide" pode resultar num alto nível de criatividade. Outro ilustre personagem é James Joyce, dono de um "estilo esquizofrênico", que conseguiu colocar a sua "anormalidade" a serviço da criação artística.

Smith não vê com bons olhos o tratamento da esquizofrenia através da psicoterapia. Segundo ele, a psicoterapia falha devido ao fato de que muito provavelmente a enfermidade é resultado de uma desordem do cérebro e é, portanto, improvável que tal disfunção possa ser atenuada sem uma intervenção direta. Outra objeção se relaciona com as dificuldades relatadas pelos psicoterapeutas ao lidarem com pacientes esquizofrênicos - os psicoterapeutas podem, no momento em que mergulham no mundo do esquizofrênico, perder o controle da situação e os pacientes, por seu turno, podem se sentir encorajados a mergulharem mais profundamente ainda em suas fantasias, tornando a enfermidade mais grave ainda. O terceiro ponto se relaciona com algumas evidências científicas em que é patente que a

R.F. GUERRA

psicoterapia formal pouco contribui para a melhoria da enfermidade.

O livro de Smith é bastante interessante, atual, e é um excelente texto introdutório à doença mental. Além disso, a tradução foi muito bem encaminhada, de forma a valorizar mais ainda a obra.

Rogério F. Guerra  
Depto. de Psicologia - UFSC